



UEPB
Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de História
Curso de Licenciatura Plena em História

ADVALDO ARAÚJO DA SILVA

TEATRO MINERVA DOS TEMPOS DE GLÓRIA
AO ESQUECIMENTO (1859 – 2014)

Campina Grande – PB
2014

ADVALDO ARAÚJO DA SILVA

**TEATRO MINERVA DOS TEMPOS DE GLÓRIA
AO ESQUECIMENTO (1859 – 2014)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História

Orientador: Prof Ms Matusalém Alves de Oliveira

**Campina Grande – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586t Silva, Advaldo Araújo da.
Teatro Minerva dos tempos de glória ao esquecimento (1859-2014) [manuscrito] / Advaldo Araújo da Silva. - 2014.
43 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Me. Matusalém Alves de Oliveira,
Departamento de História".

1. Patrimônio. 2. Teatro Minerva. 3. Investigação histórica.
I. Título.

21. ed. CDD 907.2

ADVALDO ARAÚJO DA SILVA

TEATRO MINERVA DOS TEMPOS DE GLÓRIA
AO ESQUECIMENTO (1859 – 2014)

Aprovada em: 10/12 de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Matusalém Alves de Oliveira

Prof Ms Matusalém Alves de Oliveira

Orientador

Bruno Rafael de A. Gaudêncio

Prof Ms Bruno Rafael de A. Gaudêncio

Avaliador

Rozeane Albuquerque Lima

Prof.^a Ms Rozeane Albuquerque Lima

Avaliadora

Campina Grande – PB
2014

Aos meus pais Bernadete Zeferina da Silva e Sebastião Araújo da Silva.

Dedico

AGRADECIMENTOS

- À Deus pela presença constante e por me ter como um filho muito amado.
- A meus pais pelo esforço que fizeram para me proporcionar educação, pelo carinho, amor, apoio e respeito que tem por mim.
- A professora Ms. Maria José Silva Oliveira pela orientação e apoio e ao professor Matusalém Alves de Oliveira por dar continuidade ao trabalho de orientação.
- A amiga Rita de Cássia por sua fundamental ajuda e incentivo na conclusão deste trabalho.
- A amiga Maria Betânia Silva Dias pela amizade, companheirismo, respeito e atenção evidenciada sempre.

A todos o meu muito Obrigado.

RESUMO

Areia não é apenas uma bela cidade com costumes e grande acervo histórico, mas, é considerada e presenciada como um recente sítio histórico e tombada como patrimônio nacional, título este angariado devido às construções arquitetônicas, ao valor paisagístico, humano e econômico que construiu desde muito tempo seus princípios de valores e sua contribuição para o desenvolvimento da História de nosso país. O destaque de nosso estudo será o Teatro Minerva tendo uma visão a partir de seu início os dias de glória, de esquecimento e a condição atual do mesmo, observar suas condições físicas, funcionamento e valor para a história da cidade de Areia. Como metodologia utilizada foi realizada um levantamento bibliográfico histórico a partir de documentos virtuais, livros acadêmicos e em livros disponibilizados na secretaria de cultura do município de Areia, sendo estes servidos para embasamento e orientação. A intenção foi refletir sobre os períodos históricos de fundação e o atual de Areia, buscando subsídios para compreender as fases do Teatro Minerva e sua contribuição para a identidade cultural do município, auxiliando no seu reconhecimento como patrimônio histórico, cultural, urbanístico e paisagístico do Brasil.

Palavra-chave: Patrimônio - Teatro Minerva – Glória - Esquecimento

ABSTRACT

Areia is not only a beautiful city with customs and large historical collection, but is considered and attended as a recent historic site and declared a national heritage, this title raised due to architectural buildings, the landscape value, human and economical than built from very time its principles of values and their contribution to the development of the history of our country. The highlight of our study will be the Minerva Theatre having a vision from its inception the glory days of oblivion and the current condition of it, observe their physical, operation and value for the history of the city of Sand. The methodology used was made a historic literature from virtual documents, textbooks and books available in the culture department of the city of Sand, which are served for foundation and orientation. The intention was to reflect on the historical periods and the current foundation of sand, looking for subsidies to understand the stages of Minerva Theatre and its contribution to the cultural identity of the city, aiding in its recognition as a historical, cultural, urban and landscape of Brazil

Keyword: Heritage - Minerva Theatre - Glory - Oblivion

Ser o historiador da cidade é o mesmo que ser o historiador da arte.

Bruno Contardi

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Foto 1 - Estrutura física das arenas gregas

Foto 2 - Assentos Comuns

Foto 3 - Assentos para Autoridades

Foto 4 - Máscaras Romanas

Foto 5 - Espetáculo com Gladiadores

Foto 6 - Areia em seus tempos primeiros

Foto 7 - Vista Panorâmica da cidade de Areia

Foto 8 - Pedro Américo e sua casa na cidade de Areia

Foto 9 - Museu Regional e Museu da Rapadura

Foto 10 - Teatro Minerva em sua inauguração e nos dias atuais

Foto 11 - Teatro Minerva

Foto 12 - Deusa Minerva.

Foto 13 – Theatro Particular

Foto 14 - Teatro Minerva (interno)

Foto 15 - Teatro Minerva (externo)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - BREVE HISTÓRICO SOBRE O SURGIMENTO DO TEATRO	
1.1 - O teatro e sua relação com a Grécia Antiga	12
1.2 - A CHEGADA DO TEATRO AO BRASIL	18
CAPÍTULO II - AREIA UMA CIDADE DE GRANDES RIQUEZAS HISTÓRICAS	22
CAPÍTULO III - TEATRO MINERVA	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Vamos fazer uma viagem até a cidade de Areia, situada na encosta oriental da serra da Borborema, com 618 metros acima do nível do mar, sendo um dos pontos mais altos do Estado da Paraíba. Seu tempo atmosférico é ameno e torna-se úmido no inverno. O município apresenta uma topografia acidentada, formada por um relevo repleto de vales, encostas e morros escarpados, e isto confere a cidade um diferencial no que se refere à morfologia urbana, essa acompanha a estrutura geológica da serra da Borborema, contribuindo para a existência de paisagens belíssimas que fazem coexistir a arquitetura colonial com verde intenso das formações vegetais do entorno da cidade.

Nosso desejo de ir até a cidade de Areia, é tecer, no brilho da História, uma tapeçaria textual sobre o Teatro Minerva inaugurado em 1859 representando um marco na cultura erudita que influenciou e que modificou o cenário urbano areiense, modernizando-o. E dessa forma, abriu espaço para torna a cidade um referencial cultural e um cenário considerado civilizado, culto e sinônimo de sabedoria.

Nosso objetivo é dar visibilidade a essa História que nos apresenta uma Areia intelectual, e para isto estudaremos a História do Minerva símbolo que representa um período de efervescência cultural da cidade, que finda com o cerco das estradas de ferro que a deixaram isolada, e do declínio de culturas agropecuárias, pois com a decadência econômica os tempos de glória do Minerva aos poucos tornaram-se tempos de esquecimento e posterior anonimato.

Para alcançarmos o objetivo de nosso estudo faremos visitas ao Teatro Minerva, a Secretaria de Cultura do Município de Areia, a Biblioteca Municipal de Areia, aos Museus da cidade, e também faremos pesquisas bibliográficas sobre a historiografia local, assim como sobre a historiografia geral, sobre a História do Teatro desde sua origem até a sua chegada ao Brasil.

Nosso trabalho está estruturado em três capítulos; o primeiro faz um recorte sobre a origem do teatro e sua chegada ao Brasil, o segundo descreve momentos da História do município de Areia, e o terceiro é sobre o Teatro Minerva (objeto de estudo de nossa viagem a cidade de Areia).

Convidamos todos à cidade de Areia para realização de uma viagem aos lugares que um dos deuses mais poderosos que existe - o tempo - não conseguiu apagar

CAPÍTULO I - BREVE HISTÓRICO SOBRE O SURGIMENTO DO TEATRO

1.1 - O teatro e sua relação com a Grécia Antiga

As expressões teatrais surgiram a partir de representações artísticas que incluíam o espetáculo de mímica, dança, música, poesia, entre outras, na cidade de Atenas, era praticado, o culto à Dionísio. Tal acontecimento era por demais apreciado pela população camponesa. Enquanto nas regiões urbanas eram realizadas as “Grandes Dionisiacas”, quando se realizavam os famosos concursos entre autores dramáticos (cada participante concorria com três peças “Trilogia”).

A estrutura física dos teatros gregos assim como destacado na figura 1, 2 e 3 era encravada em uma colina, onde a plateia ficava na arquibancada ou barranco e o palco tinha ao fundo três portas, á frente do palco ficava o coro.

Foto 1 – estrutura física das arenas gregas



Fonte: Grécia, Geraldo Leal de Moraes

Figura 2 - Assentos Comuns



Fonte: <http://www.paideuma.net/painel3.htm> Acesso em: 20 de janeiro de 2014.

Figura 3 - Assentos para Autoridades



Fonte: <http://www.paideuma.net/painel3.htm> Acesso em: 20 de janeiro de 2014.

Uma curiosidade do teatro da época é que as peças eram exclusivamente realizadas por atores masculinos, como adornos usavam máscaras foto abaixo, onde possibilitava a interpretação de personagens femininos.

Foto 4 - Máscaras Gregas



Fonte: Fonte: <http://www.paideuma.net/painel3.htm> Acesso em: 20 de janeiro de 2014.

Partindo dos escritos sobre a origem e a evolução do teatro no mundo, percebe-se que o mesmo partiu da Grécia Antiga quando na mesma era realizado festivais anuais como forma de homenagem ao Deus Dionísio, os mesmos apresentavam espetáculos de tragédia ou comédia, dentro desta permissa fica claro que o Teatro teve ligação com a religiosidade, e sua estrutura física evidenciava imponência e um valor social.

Theatron (qeatron): Significa espaço ou lugar para ver; consiste na área ocupada pelo público, expectadores sentados em degraus, que circundam a Orquestra formando um semi-círculo. Esta estrutura aproveitava a inclinação natural do terreno, facilitando a acústica. Orquestra (orceisqrai): Lugar para evolução do Coro; participantes enfeitados de Sátiros e Silenos que dançavam e cantavam durante as peças; era onde se executava a música e a dança. No V século a.C., a Orquestra era construída de madeira, pois nenhum Teatro foi construído inteiramente em pedra antes de 330 a.C.; seu formato era circular e nela atuavam atores e corentes; durante este período foi criado o logeion (logueion), separando o local de atuação dos atores e a Skene. Skene (skenḗ): Consistia em uma barraca de lona retangular localizada atrás do local onde os atores atuavam. Servia como fundo de palco e camarim aos atores que ainda não haviam entrado em cena. Entre a Skene e a Orquestra, havia um espaço de circulação lateral denominados: eisodoi – saída, e paradoi – entrada. Próskenio: Ficava anexo à Orquestra e servia de fachada cênica (cenário de fundo), possuía colunas entre as quais se abriam portas necessárias às ações de palco. Nas Tragédias, o Próskenio possuía geralmente uma entrada central única. Na Comédia Antiga, às vezes uma, noutras duas. Theologeion (qeologeion): Situava-se acima do Próskenio por todo o seu comprimento. Consistia em um terraço estreito reservado às divindades. Ao final das peças, sustentados por máquinas, atores vestidos caracteristicamente e representando deuses, desciam do Theologeion pelas suas portas. Máquina (macnḗ): Engenhocas utilizadas para proporcionar determinados efeitos às encenações. Foram elas que permitiram à personagem, Sócrates, ser içado ao ar em *As Nuvens* - 423 a.C.; e, posteriormente, à personagem Trigeu “voar” montado em um escaravelho até o Olimpo em *A Paz* – 421 a.C. Dentre as

Máquinas, havia uma chamada de Cena Giratória; tratava-se de uma espécie de estrado que era capaz de realizar movimentos de cento e oitenta graus (180°), apresentando o interior do cenário e as personagens que lá se encontravam. É através dela que Aristófanes cria a representação de uma escola de sofistas em *As Nuvens*. Outra Máquina era o bloteion (bloteion), responsável por produzir ruídos que se assemelhavam a trovões. Em 423 a.C., foi bastante utilizada em *As Nuvens*. Antônio Freire (1985 p. 59)

A definição dada por Antônio Freire permite a idealização assim como noção de espaço e funcionamento do Teatro na Grécia Antiga, com o passar do tempo o grande círculo que servia como espaço para as encenações e coreografia, foi cedendo espaço para espaços ampliados e com adaptações tais como palco elevado para entrada e saída dos atores. Achados informam que o escritor das peças era responsável por todo desenvolvimento da produção, tudo realizado com arte, para, e pela arte.

A arte é necessária, é uma linguagem que mostra o que há de mais natural no homem; através da qual é possível verificar, até mesmo, que o homem pré – histórico e o pós-moderno não estão distantes um do outro quanto o tempo nos leva a imaginar. A arte é baseada numa noção intuitiva que forma nossa consciência. Não precisa de um tradutor, de um intérprete. Isso é muito diferente das línguas faladas, porque você não entenderia o italiano falado há quinhentos anos, mas uma obra renascentista não precisa de tradutor. Ela se transmite diretamente. E essa capacidade da arte de ser uma linguagem da humanidade é uma coisa extraordinária (OSTROWER, 1983. P 32).

O processo artístico de representar e exteriorizar ideias de escritores teve um crescimento significativo uma vez que traduzia sentimentos junto a entretenimento, prosperou e superou os limites da Grécia instalando em terrenos tidos na época como sagrados, tais como: Índia, China, Roma, Egito e sendo permitido apresentações também em igrejas da Idade Média, tal relevância do Teatro se dava devido a possibilidade de o homem poder expressar todos seus sentimentos e repassá-los com maestria para seu público escolhido, tais sentimentos derivavam do amor ao ódio.

No teatro, gosto do sentimento de necessidade. O trabalho teatral me interessa cada vez que ele instaura uma relação específica com a obra, uma abordagem na qual as redes da linguagem, do tempo e do espaço se cristalizam nos corpos de uma tal forma, que a conjunção provoca em quem assiste um efeito de desconhecido, mesmo quando se trata das obras mais conhecidas. Hoje ainda, e muitos anos já se passaram, continuo a lembrar-me de Andrômaca e de Fedra, de Racine, exatamente como Antoine Vitez as havia montado, e do efeito de desconhecido dentro do conhecido que eu senti naqueles momentos. Nesses espetáculos, havia algo mais que o êxito estético, no sentido estreito do termo: havia efeitos de significado que arrancavam as obras representadas de seu pertencimento cultural codificado, que as arrancavam do mundo pré-fabricado de seu destino escolar ou mundano, para que aparecessem finalmente como forças artísticas raras, como momentos de tormento do espírito, em que desaparece o valor tranquilizador de um Racine sublime. Essas montagens transformaram para mim e provavelmente para outros a doxa cultural em um momento de existência plena. Jean-Marie Piemme (1994. P.84).

Referenciando o Teatro romano observar-se que o mesmo teve diferentes gêneros, inter-relacionando influências etruscas (influenciados pelos gregos) e com espécie de representações religiosas de caráter sério ou satírico itálicas semelhante ao aparecimento do teatro grego, os romanos tinham uma forma inicial de teatro quando entraram em contato com a Grécia: esse contato significou a morte do primitivo teatro romano, que imediatamente copiou as formas gregas de atuação.

Os principais gêneros artísticos interpretados eram os mais conhecidos e que possibilitassem melhor interpretação do público, ou seja, a tragédia que veio da Grécia, a comédia que trazia preceitos a humanidade e suas ações ironizadas, a tragicomédia a junção da comédia para o drama e sempre era representada e acompanhada por música.

As primeiras sociedades primitivas acreditavam que a dança imitativa influenciava os fatos necessários à sobrevivência através de poderes sobrenaturais, por isso alguns historiadores assinalam a origem do teatro a partir deste ritual. Antônio Freire (1985. P. 56).

O Teatro que chegou aos domínios Romanos veio como cópia fiel dos moldes grego, nomes importantes do Teatro Romano foram Plauto e Terêncio, começaram por traduzir peças gregas (séc. III AC), sendo em pouco tempo inovado e introduzido novos textos produzidos por estrangeiros radicados em Roma, que adaptavam temas da História de Roma para os grandes palcos que não era um teatro permanente, mas segundo achados históricos, enormes tendas itinerantes abrigavam em média 40.000 (Quarenta mil) espectadores.

Plauto nasceu em Sarsina, Úmbria por volta do ano de 250a.C e faleceu, provavelmente em Roma, no ano de 184a.C, sendo o maior comediógrafo da Roma antiga, nasceu em berço humilde e veio para Roma ainda jovem, onde começou a fazer teatro, primeiro como ator e depois escrevendo comédias onde ficou por um longo período conhecido apenas como Plautus, que quer dizer "pés chatos", porém mais tarde se autodenomina Maccus ("palhaço"). Acredita-se que tenha escrito 130 peças, das quais apenas 21 sobrevivem, tendo uma métrica elaborada e com linguagem coloquial, sua obra reproduz com fidelidade a vida dos romanos.

Ao final da República, o público perdeu interesse pelo teatro tradicional, devido a concorrência dos espetáculos com mais ação, tipo gladiadores foto abaixo corridas de carros entre outros, já no período imperial, na parte oriental do império continuaram a representar as peças tradicionais, sobretudo de autores da nova comédia como Menandro.

Foto 5 - Espetáculo com Gladiadores



Fonte: Fonte: <http://www.paideuma.net/painel3.htm> Acesso em: 20 de janeiro de 2014.

Que era filho de uma rica família de pecuaristas, Menandro nasceu em 343 e morreu em 291 a.C, no período em que viveu não teve reconhecimento como um grande autor de comédias, porém, depois de sua morte, suas obras foram tão divulgadas que passaram a ser consideradas, por muitos intelectuais da época, como um primor em excelência .

Durante o Império Romano (de 27 a.C. a 476 d.C.) a cena é dominada por pantomimas, jogos circenses e exibições acrobáticas, vários imperadores apresentados

como cruéis ordenavam que os espetáculos se tornassem realistas. Quando aparecia, no texto, um personagem que marcado para morrer, dublava-se o ator por um condenado à morte após seu julgamento.

O teatro aos poucos expandiu-se pelo Velho Mundo e posteriormente pelos territórios coloniais conquistados, pelos Estados Nacionais do Velho Continente.

1.2 - A CHEGADA DO TEATRO AO BRASIL

Quando mencionado o teatro brasileiro logo imaginamos sua vinda com os portugueses no século XVI fazendo de nosso país sua colônia, além de colonizar era de interesse dos portugueses introduzir a cultura e costumes de seu país entre eles se incluía a literatura, o teatro e rituais festivos.

Com a admiração, a representação por meio de figura e os movimentos fortes e eficazes do teatro, as peças teatrais se tornavam bem mais atrativas e melhor metodologia que a de um sermão com sua linguagem diferente com difícil interpretação. Os teatros apresentados aos índios eram com função pedagógica, a ideia era de catequizar os índios dentro da visão da religião católica, objetivando impedir os hábitos que os colonizadores julgavam condenáveis, trazendo o teatro com fundamentos mais religiosos que artísticos, o escritor, diretor e responsável pelas peças teatrais foi o Padre Anchieta, fora dos parâmetros religiosos só veio em meados do século XIX quando o romantismo marcou início em sua trajetória.

A forma na escrita das peças até o ano de 1584 eram em tupi, português ou Espanhol, as peças eram denominadas “autos” e seus fundamentos eram sempre religiosos, moral e didático onde os personagens eram santos, demônios, anjos, imperadores e reis interligados sempre aos sentimentos envolvendo temor e respeito a Deus, como atores os índios que já haviam sido domesticados e educados para exercer a função de futuros padres, todos amadores e que improvisavam as peças que eram apresentadas em praças, igrejas e colégios.

No século XVII, além do então na época tradicional teatro de catequese, surgem outras variedades de teatro onde contemplam festas populares e acontecimentos políticos com celebrações e apresentações artísticas, um quadro comparativo que se pode fazer é as manifestações culturais do século XVII, com o atual carnaval em nosso país, tendo em vista que os atores que programavam as apresentações usavam máscaras, adereços que lembrassem a data em que eles estavam comemorando, dançavam e cantavam pelas ruas e o som que era produzido saiam de instrumentos tocado pelos próprios.

Um grande marco vigente do teatro chega junto a Família Real no Brasil, em 1808, D. João VI determina um decreto que permitiu grande salto ao teatro, aos dias 28 de maio de 1810 é reconhecida a importância e necessidade de construção de teatros decentes, afirmando que a nobreza possa usufruir de uma diversão com qualidade e bons préstimos. No entanto esse salto só privilegiou a alta sociedade que eram os Aristocratas, os espetáculos em sua maioria eram estrangeiros com trejeitos e origens Europeias regados de sofisticação e em contrapartida excluindo qualquer participação da massa popular e excluindo as características e identidade do teatro brasileiro.

Nos anos que compreendem 1937 e 1945, graças a à ideologia popular que o teatro manteve ativa por meio do teatro de revista, sem dúvidas o mesmo teria se extinguido, com essa renovação e força surgiram as primeiras companhias do país, tendo como grandes nomes a companhia de Procópio Ferreira, Jaime Costa e Odilon de Azevedo.

Com o golpe militar em 1964 veio à censura e um número enorme de peças foram proibidas e somente a partir dos anos 70 o teatro novamente ressurgiu mostrando produções constantes.

Grandes inovações teatrais se concentraram no século XX a introdução de ópera, peças trágicas e encenações musicais foram trazidas para o Brasil sobre forte movimentos internacionais, como exemplo se tem a obra de Oswald de Andrade “O Rei da Vela”, produzido na década de 1930, porém encenado na década de 1960 por José Celso Martinez Corrêa com a encenação de Vestido de Noiva por Nelson Rodrigues possibilitando o nascimento do teatro brasileiro moderno.

Tiveram como principais companhias que representavam as ações cênicas do teatro brasileiro na década de 40; o Teatro dos Sete, Teatro de Arena, TBC, Os Comediantes, Teatro Oficina, Companhia Celi-Autran-Carrero, dentre outros.

No ano de 1948 surge o TBC uma companhia que produzia teatro da burguesia para a burguesia, importando técnica e repertório, com tendências para o culturalismo estético. Já em 57, meio a preocupações sócio-políticas surge o Teatro de Arena de São Paulo. Relatos de jornais noticiavam que o Teatro de Arena foi à porta de entrada de muitos amadores para o teatro profissional, e que nos anos posteriores tornaram-se verdadeiras personalidades do mundo artístico. Já em 64 com o Golpe Militar, as dificuldades aumentam para diretores e atores de teatro. A censura chega avassaladora, fazendo com que muitos artistas tenham de abandonar os palcos e exilar-se em outros países. Restava às futuras gerações manterem vivas as raízes já fixadas, e dar um novo rumo ao mais novo estilo de teatro que estaria pôr surgir. Fernando Peixoto (2003. P. 26)

Portanto desde seu marco inicial o teatro brasileiro vem apresentando características vindouras e baseadas em perspectivas crescentes e esteve cada vez mais capacitado, no entanto junto a ditadura militar veio pois a censura, deixando a produção de criatividade para um lugar de retrocesso, limitação e improdutividade, o que gerou a diminuição das apresentações e dos artistas.

Com o fim da ditadura militar na década de 1980 as atividades teatrais voltaram timidamente a fazer parte do cenário nacional, os dramaturgos antes oprimidos e obrigados a abandonar os palcos reapareciam com estímulos a desenvolver novos projetos.

Um fator preocupante nos dias atuais as atividades teatrais é advindo do avanço tecnológico (Tv, cinema, internet e aparelhos áudio visuais), da globalização cultural em que as pessoas estão cada vez menos prestigiando peças teatrais, hoje o cinema moderno é um espetáculo, atrai milhares de pessoas em todo o mundo, suas produções são milionárias, e são lançadas em escala global e com isso se percebe a diminuição das ofertas do gênero artístico teatral.

No entanto não podemos deixar que o tempo retire de nossa memória que os autores teatrais mesmo durante os anos da censura do regime militar no Brasil, criaram uma linguagem para driblar as proibições, o teatro não deixou de ser uma arte de resistência, o que é por natureza, é criador de pensamento crítico antes de tudo, mesmo às vezes disfarçado de mero entretenimento, os coletivos teatrais fizeram e fazem questão em seu trabalho de discutir e pensar sobre problemas sociais, políticos, econômicos, ambientais, e etc.

O teatro, como sempre, foi e é a grande voz que não cansa de alertar sobre "perigos" diversos que dificultam a prática da liberdade em todos os espaços. Devemos sempre lembrar a importância que o teatro teve e tem ao cumprir a tarefa de replicar e dar voz à cidadania. No entanto, a sombra do autoritarismo de outrora que teve no teatro a sua maior vítima ainda permanece. Ainda é possível perceber, dentro da comunicação, os resquícios de seus efeitos fatais.

CAPÍTULO II - AREIA UMA CIDADE DE GRANDES RIQUEZAS HISTÓRICAS

A cidade de Areia se encontra geograficamente no Brejo da Paraíba, a 122,5km da capital João Pessoa e está implantada sobre o relevo escarpado da Serra da Borborema, a cerca de 618 metros de altitude. Limita-se geograficamente com os municípios de Alagoa Grande, Alagoa Nova, Alagoinha, Pilões, Remígio, Serraria e Arara e ocupa uma área de 269km² (IBGE, 2011). É abastecida pelos rios da bacia do Mamanguape (FIÚZA et al., 1998, p.17), possui clima ameno e frio, bastante úmido no inverno, com temperatura variável entre 15°C e 30°C (IBGE, 1960, p.194). Areia teve sua origem em fins do século XVII e princípios do século XVIII, embora não haja data conhecida de sua fundação. As terras brejeiras foram encontradas por moradores da Vila Real do Monte Mor da Preguiça, atual Mamanguape. Esse território era conhecido como Sertão dos Bruxaxás por causa dos índios bruxaxás que ocupavam primitivamente a região. O sítio onde mais tarde surgiu a cidade de Areia tinha apenas um curral á margem da estrada que servia para abrigar o gado provindo do Sertão com destino aos mercados do litoral uma vez que:

, A ocupação das terras da cidade de Areia teve seu início no século XVIII em virtude das inserções de colonizadores e comerciantes no interior da Capitania da Paraíba, a região se situava em rota de passagem entre Litoral e Sertão e nela iniciou um arraial para albergar viajantes (CAJU & CAVALCANTI FILHO, 2005; OLIVEIRA SOBRINHO, 1958. P.41).

Foto 6 – Areia: do século XIX ao início do século XX.



Fonte: Internet <http://acidadeeahistoria.blogspot.com.br/2012/11/o-museu-regional-de-areia.html> acessado: 08 de janeiro de 2014

Como a sua localização constituía numa passagem obrigatória e ponto de encontro para boiadeiros, tropeiros e passantes, logo atraiu habitantes que em pouco tempo formaram uma próspera povoação que passou a chama-se Brejo de Areia, por correr em suas imediações um riacho de nome Areia. As vias de comunicação e o desenvolvimento da agricultura e do comércio possibilitaram a sua expansão, mudando a fisionomia local

O sítio onde mais tarde surgiu a cidade de Areia tinha apenas um curral à margem da estrada para o recolhimento do gado que vinha do sertão ao litoral. Ao redor desse curral começou a nascer o povoado. As primeiras casas seriam, a rigor, mocambos de sapé ou palha de pindoba, como de restos de construções de seu tempo. Tudo ao redor eram lugares ermos, onde a civilização rompia com as selvas na conquista do Brasil. Não havia ainda oleiros nem pedreiros para obras de melhor acabamento, dadas as condições de vida em estado primário. (ALMEIDA, 1994, P.05).

A cidade encanta a todos com suas construções arquitetônicas do século XIX, seus casarões de arquitetura monumental de estilo barroco, suas ruas, seus engenhos centenários e prédios antigos, destacando entre eles o primeiro Teatro da Paraíba em estilo barroco, fundado como Theatro Recreio Dramático em 1859, posteriormente passando a se chamar Teatro Minerva em alusão a deusa romana Minerva. A capital João Pessoa construiu o seu teatro 50 anos depois, o Teatro Santa Rosa. Atualmente existem no município de Areia cerca de engenhos em funcionamento, produzindo cachaça e rapadura de excelente qualidade o que contribui significativamente para a economia da cidade. Areia foi berço de paraibanos ilustres como o escritor, político, advogado, professor universitário, folclorista e sociólogo José Américo de Almeida; o pintor, romancista e poeta Pedro Américo; Álvaro Machado, político e fundador do Jornal A União; entre tantos outros nomes importantes que fazem parte de nossa História. Na parte sacra, as igrejas Matriz de Nossa Senhora da Conceição e do Rosário (construída pelos escravos), construídas em meados do século XVII, se destacam entre as outras.

Esta cidade é de extrema beleza natural, histórica e arquitetônica, contribuiu assim para enriquecer a cultura e História do Nordeste brasileiro, e também do Brasil. Abaixo imagem panorâmica da cidade de Areia-PB.

Foto 7 – Vista Panorâmica da cidade de Areia



Fonte: <http://villasdeareia.wordpress.com/2011/07/22/a-cidade-de-areia/> Acessado: 10 de junho de 2014

A então atual cidade de Areia só alcançou, em 1818 o nome de Vila Real, e anos depois, em 1846, foi nomeada cidade. Sua economia esteve pautada, sobretudo, em culturas de subsistência, algodão, café e agave, mas o pilar de seu desenvolvimento foi o cultivo de cana-de-açúcar da zona rural.

Com a decadência dos engenhos, que remonta ao final do século XIX, surgiram usinas de açúcar, enquanto os engenhos dedicaram-se à produção de aguardente e rapadura, exportada para outras regiões do estado e para estados vizinhos. (ANDRADE, 1997, p.21).

No entanto, em virtude de questões da política paraibana no final do século XIX, o traçado de ferrovias não contemplou Areia, que tendo sido por dois séculos a segunda cidade mais importante da Paraíba, ficou muito prejudicada a partir de então, definhando frente a outros centros urbanos privilegiados e inseridos nas rotas de comunicação e escoamento de mercadorias.

A redefinição de traçados impulsionou o crescimento econômico e demográfico dos núcleos urbanos do Sertão e Agreste paraibanos (CÂMARA, 1997, pp. 87-88) e reforçou o papel econômico e político da capital (MARIZ, 1939 apud ANDRADE, 1997, pp.31-32; CÂMARA, 1997, pp.81-82).

O município de Areia, no Brejo paraibano, esquecido pelo tempo e lotado de adversidades, tem passado por uma série de projetos e ações que dão o valor que essa cidade histórica merece.

A cidade foi palco de diversas revoltas e revoluções entre elas podemos citar a Revolução Praieira em meados do século XIX, a Revolução Pernambucana, em 1817, a Confederação do Equador, em 1824 e a revolta do Quebra-Quilos em 1873, assim como seu destaque nas lutas abolicionistas a qual foi primeira a dar alforria a seus escravos, antes da Lei Áurea.

A cidade se destacou com a produção do algodão, que foi principal atividade econômica de toda a região do brejo, com o passar do tempo o algodão foi perdendo seu lugar e a cana-de-açúcar foi ganhando lugar de destaque, seguido do café, agave e a pecuária.

“Num primeiro momento, essa ocupação [do Brejo Paraibano] aconteceu com base no cultivo de lavouras de subsistência para o abastecimento do mercado interno e também com a plantação de cana-de-açúcar. Esta última era uma atividade produtiva muito importante para os donos de terra no Brejo, uma vez que garantia a sua articulação com as outras regiões. Outra atividade econômica extremamente importante para compreendermos tal ocupação foi a pecuária, pois na medida em que o Sertão foi sendo ocupado, [...] o Brejo, por sua localização geográfica, passou a ser um dos caminhos obrigatórios que levavam do Sertão ao Litoral e vice-versa. No início era apenas o local de descanso dos vaqueiros que levavam o gado para o interior, ou que voltavam com o rebanho para ser abatido e distribuído nos mercados do Litoral. Em função dessas áreas de pouso, foram surgindo, pouco a pouco, tal como ocorreu no Agreste, os primeiros núcleos de povoamento”. (FIÚZA et al., 1998: 42 apud. MORAIS, 2008: 23)

O surgimento dos primeiros engenhos no município de Areia data de meados do século XVIII, por volta de 1760. O registro mais antigo data de 1764, e refere-se ao Engenho Bolandeira (ALMEIDA, 1994: 20-21).

Além do que já foi mencionado anteriormente, a cidade é referenciada também por suas riquezas culturais, tais como: o Museu de Pedro Américo, com inúmeras réplicas dos quadros de um dos mais célebres cidadãos areiense – entre elas a famosa obra ‘O Grito do Ipiranga’, encomendada a ele por Dom Pedro II, o Solar José Rufino, o casario colonial, seus sobrados e o Museu da Rapadura, localizado dentro do Campus da UFPB, onde o turista pode observar as várias etapas da fabricação da rapadura e de outros derivados da cana de açúcar, como a cachaça, sendo tais produtos muito conhecido exteriormente por seu incomparável sabor.

Por causa de todo acervo histórico, cultural e paisagístico existente na cidade de Areia ela foi e é considerada há muito tempo como ‘Terra da Cultura’. Para essa cidade hospitaleira, de invernos rigorosos, convergiam estudantes de todo o Nordeste, sendo expoentes deste tempo a Escola de Agronomia do Nordeste, o Colégio Santa Rita (Irmãs Franciscanas, alemães) e o Colégio Estadual de Areia (antigo Ginásio Coelho Lisboa).

Ciente do valor cultural da arquitetura do século XIX da cidade e das belas paisagens de seu entorno, a Associação dos Amigos de Areia (Amar) reuniu documentos para pleitear ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) os encaminhamentos para o tombamento de Areia em agosto de 2005 no Rio de Janeiro. Um dos objetivos era iniciar um novo “ciclo econômico” na região o turismo cultural.

O tombamento é um ato administrativo realizado pelo Poder Público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. (IPHAN, 2007. P.25).

A ação do tombamento a cidade de Areia aliava dois objetivos básicos: a preservação e divulgação do bem patrimonial e a ampliação de possibilidades econômicas para a comunidade. O tombamento pode ser aplicado em móveis, (fotografias, livros, obras de artes utensílios e mobiliários) e aos imóveis (ruas, praças, cidades, regiões, edifícios, florestas) de interesses à memória. Diante disso, o ato de tomar legaliza a preservação desses bens (IPHAN, 2007. P 25).

O patrimônio cultural reflete a alma de um povo, e também, segundo o IPHAN reflete pluralidade e diversidade das culturas formadoras da sociedade brasileira. [...]. Dessa forma, a cidade vem produzindo sua cultura – modo de ser e fazer, com valores próprios e diferenciados das demais sociedades de outras cidades brasileiras, merecendo ter bens e valores culturais que devem ser preservados. [...] Este instrumento coloca sob sua tutela os bens culturais a serem preservados, não sendo permitido a sua demolição ou descaracterização. (IPHAN, 2007. P.25)

Mas o tombamento de Areia não é o único feito cultural que ocorre na cidade. A Amar, com a ajuda da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional – Iphan/PB, decidiu restaurar a mala e os pincéis do artista plástico Pedro Américo conforme apresentado na imagem 9 – nascido em Areia em 1843 e autor de O Grito do Ipiranga, 1888, e Tiradentes Esquartejado, 1893.

Além disso, a Associação criou um programa de oficinas de capacitação para salvaguarda e restauração dos bens, com a finalidade de envolver jovens da cidade. A partir daí, o projeto ‘Oficina de Salvaguarda e Restauração: Areia e seus Museus’ se consolidou.

Foto 8 - Pedro Américo e sua casa na cidade de Areia



Fonte: <http://www.warburg.chaa-unicamp.com.br/artistas/view/1268> Acessado: 10 de junho de 2014

Com o andamento da Oficina de Salvaguarda e Restauração, os participantes perceberam que eles faziam parte do patrimônio cultural e tornou-se clara a vontade dos areienses em ajudar a História de seu município. Este sentimento fez com que o programa de salvaguarda se multiplicasse: agora, as ações existentes se expandiram para várias áreas, como turismo, cultura, educação, história e patrimônio.

Assim, desde 2010, editais vêm sendo publicados e os jovens são selecionados e capacitados no projeto. Hoje, com cerca de 20 mil habitantes, Areia possui quatro museus: Museu Casa de Pedro Américo, Museu Regional de Areia, Museu do Brejo Paraibano e Museu da rapadura.

Foto 9 - Museu Regional e Museu da Rapadura



Fonte: <http://acidadeeahistoria.blogspot.com.br/2012/11/o-museu-regional-de-areia.html> Acessado: 10 de junho de 2014

Em cada um, a AMAR (Associação dos amigos de Areia) tentou valorizar o patrimônio com o objetivo de conhecer cada peça, como também a sua história, sua técnica e suas referências para a população da cidade. Segundo o presidente da Associação, Carlomano Correa de Abreu, as ações incentivam a cultura e a preservação do patrimônio histórico. “Nesse projeto nós requalificamos os modelos e a estabilização dos acervos e a partir dele também foi criado um laboratório de preservação e restauro”, explicou Carlomano.

Com a maioria de seu acervo recuperado, a riqueza do projeto Oficina de Salvaguarda e Restauração é louvável. Os participantes, alguns em situações sociais delicadas, estão inseridos em ações reconhecidas e valorizadas pela comunidade areiense e os municípios vizinhos e, portanto, tendo a chance de construir uma nova perspectiva de vida.

O projeto conta também com aulas de informatização de acervos, que recebeu a ajuda do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Já para garantir as ações sistemáticas da capacitação dos jovens e a conservação dos acervos, a Amar teve o apoio do Banco Mundial de Desenvolvimento Social (BNDES) e do Ministério da Justiça.

Em 2012, o projeto ‘Oficina de Salvaguarda e Restauração: Areia e seus Museus’ foi premiado, nacionalmente, na 25ª Edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, na categoria Preservação de Bens Móveis. Esse prêmio é concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para pessoas e instituições que desenvolvam projetos exemplares com vistas à preservação e valorização do patrimônio cultural do país. No mesmo ano, o projeto também ganhou o troféu da Associação Brasileira de Jornalismo e Turismo.

Todos esses feitos da AMAR contribuem para a conscientização dos areienses frente a sua grande responsabilidade que é serem constantemente vigilantes de uma grandiosa riqueza que não tem preço – sua cidade e toda a História existente em suas ruas e edificações.

O reconhecimento da cidade como Patrimônio Urbanístico e Paisagístico Nacional (Processo nº 1.489 – T-02), foi durante a 47ª Reunião do Conselho Consultivo do IPHAN, tendo sido homologado no Diário Oficial da União a 6 de Setembro de 2006. (Tribunal de Justiça/PB, 2007, p. 11-12)

Areia foi à primeira da Paraíba tombada como Patrimônio Histórico Nacional, pelo seu conjunto paisagístico, urbanístico e cultural. Localizada a 618 metros do nível do mar, a cidade possui nos meses de inverno um clima praticamente europeu. E como citado anteriormente é a cidade natal do pintor Pedro Américo, e também do escritor José Américo de Almeida e do Padre Azevedo. Libertou seus escravos, antes mesmo da Lei Áurea. É uma grande produtora de Cachaça e de Rapadura do Estado da Paraíba, possui engenhos em funcionamento e é referência em eventos como "Caminhos dos Engenhos", "Caminhos do Frio", “Festival de Artes” e "Festival Brasileiro da Cachaça e Rapadura" (BREGAREIA).

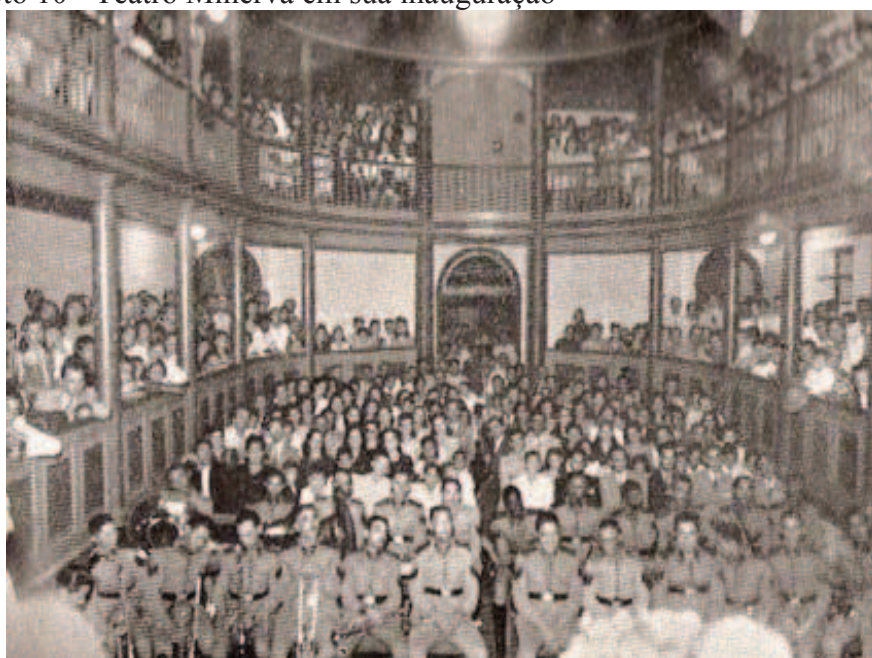
Com o tombamento a cidade de Areia passou a fazer parte do grupo seletivo de patrimônios nacionais tombados, está aos poucos, se acostumando com uma nova

rotina; com o aumento de fluxo turístico, novos eventos, as iniciativas privadas que chegam, a noção de preservação cultural e ambiental.

CAPÍTULO III - TEATRO MINERVA

O primeiro teatro construído na Paraíba foi o Teatro Minerva na cidade de Areia, o mesmo foi inaugurado no ano de 1859 imagem abaixo, possui arquitetura colonial e arquitetada para comportar em média 250 pessoas por espetáculo, seu acústico permite com que todos os ouvintes partindo da primeira a última fila consigam acompanhar perfeitamente o que é dito pelos artistas, fator este devido a boa qualidade da acústica do teatro.

Foto 10 - Teatro Minerva em sua inauguração



Fonte: Internet <http://acidadeeahistoria.blogspot.com.br/2012/11/o-museu-regional-de-areia.html>
Acessado: 10 de junho de 2014

Areia alcançou um período de extremo desenvolvimento econômico, tendo como consequência o título da cidade mais visitada da Paraíba sendo por brasileiros e estrangeiros, este crescimento a procura da cidade foi em meados de 1940, tendo este marco grande importância em vários aspectos da cidade de Areia, sentiu-se a necessidade de CRIAR um local que dispusesse cultura erudita aos grandes senhores de engenho do município e mesmo da região Nordeste, e até do Brasil, e também para os turistas.

Há diversos fatores que comprovam a importância de Areia para a capitania da Paraíba, uma delas foi a instalação da primeira escola primária, em 1822, uma honraria, considerando que até 1850 funcionavam, em toda a província, apenas 37 escolas públicas, com uma frequência inferior a mil alunos (ALMEIDA, 1958, p. 122).

Em 1859 foi inaugurado o Theatro Recreio Dramático, atualmente Teatro Minerva, o primeiro teatro da Paraíba, representando os ideais de progresso e civilidade da época como esclarece Berthilde MOURA FILHA (1998).

Nas cidades que demonstravam crescimento urbano surgia uma demanda por lazer e convívio social, sendo as artes cênicas um importante veículo de cultura e civilização, logo se faziam presentes nestes centros. De início as iniciativas vinham de sociedades particulares ou de grupos amadores, só em um momento posterior os teatros começam a figurar entre o repertório de obras do poder público, baseado na idéia de que eles representavam progresso e civilização (MOURA FILHA, 1998, p.6).

Sendo assim em 1859 estreia o Teatro Minerva na cidade de Areia, lugar este com forte estrutura arquitetônica constatada imagem 12, e frequentada por pessoas que tinham um alto poder econômico, e marcando assim o tempo de glória e brilho do Teatro Minerva onde os senhores de engenho suas senhoras e os grandes comerciantes, e pecuaristas da época importavam roupas de gala e as joias brilhavam junto aos espetáculos.

Foto 11 - Teatro Minerva



Fonte: Acervo pessoal. Betânia, Maria, Silva Dias 2014.

No município de Areia os desenvolvimentos culturais e educacionais crescerão junto com o econômico tendo em vista que os engenhos tinham altas produções, e com a necessidade de mão de obra foi inaugurada uma Escola de grau superior para o curso de Agronomia, fator este que fazia com que famílias que tinham poder aquisitivo alto mandassem seus filhos para que lá estudassem, e a partir desse fato Areia conseguiu desenvolver-se economicamente mais do que a própria capital do Estado que é João Pessoa. Este período constitui-se também como os tempos de glória do Minerva, que representava um ideário cultural à cidade de Areia.

E assim foi criado o cenário propício para o desenvolvimento econômico e a riqueza de Areia, transformando-a numa terra promissora para se investir e fazendo com que uma cidade de interior ganhasse notoriedade. De repente transformada no habitat das famílias mais poderosas da Paraíba e com um sistema educacional à altura do público exigente, Areia foi por 30 anos a cidade da elite econômica, que passou a receber cada vez mais visitas ilustres. (Zélia Almeida, 2010 p.56)

Uma marca preocupante para a História do Teatro Minerva foi durante o período militar, tempo em que a censura que se estabeleceu em tempos muito rígidos provocou grande impacto na qualidade do sistema educacional, e na economia da cidade, e principalmente do Minerva que sem expectador e diante grande censura não podia sequer apresentar alguma peça, pois a expressão da vontade através de representações artísticas eram drasticamente proibidas.

O Teatro Minerva funcionava regularmente com diversas representações culturais que variavam desde conjuntos amadores constituídos por artistas da cidade, até trupes famosas que se apresentavam em João Pessoa e no Recife, mas que incluíam Areia em sua jornada de apresentações.



Fonte: Acervo pessoal. Betânia, Maria, Silva Dias 2014.

No centro do Teatro na área externa há uma estatueta da deusa Minerva imagem acima, a Deusa foi ali colocada por Horácio Silva, no início do século XX, quando após a necessidade de uma reforma na gestão do prefeito Otacílio de Albuquerque, tendo, portanto adotado o nome de Teatro Minerva a partir de então.

Minerva era a deusa da sabedoria e das artes. Seu pai Júpiter, após engolir a deusa Métis (Prudência), pediu a Vulcano que abrisse sua cabeça com o seu machado, para acabar com a dor de cabeça que ele sentia. Da cabeça de Júpiter saiu Minerva já adulta. Minerva era uma das poucas deusas virgens, ao lado de sua irmã Diana. Normalmente a deusa portava escudo, lança e armadura, pois representava também a guerra de forma estratégica e diplomática. Revista Brasil escola (2009)

O mobiliário do teatro é caracterizado como rústico, foi todo renovado seguindo tanto quanto possível o modelo original, como destacado nas imagens abaixo.

Foto 13 - Teatro Minerva (interno)



Fonte: Acervo pessoal. Betânia, Maria, Silva Dias 2014.

Inspirado no ideário da época, o teatro era apresentado como um símbolo da civilização e do progresso, ou seja, o teatro indicava a perspectiva do progresso das cidades. Além de símbolo, era usado também para instruir e educar as pessoas, uma vez que as companhias apresentavam novidades, as novas formas de comportamento e a moda presente nos grandes centros urbanos da época. Desta forma, o teatro Minerva contribuiu para a construção da imagem de Areia como terra civilizada e culta - terra da cultura.

O Minerva, não recebia recursos do governo, era mantido pela Sociedade Recreio Dramático (formada por membros da aristocracia local, filhos de senhores de engenho que haviam estudado em grandes centros da época e até na Europa, e assim empenharam-se na construção de obras e na realização de eventos que apresentassem sua cidade como uma referência cultural de seu tempo), cada associado desta sociedade devia contribuir mensalmente com a quantia de 5 mil réis.

O Minerva conserva até os dias atuais em sua fachada o nome de Theatro Particular fotos abaixo, como informe de que não era um bem próprio do Estado e como demonstração do quanto podia a iniciativa privada da época de sua construção

Foto 14 – Theatro Particular



Fonte: Acervo pessoal. Betânia, Maria, Silva Dias 2014.

Hoje o Teatro Minerva está “salvo” diante sua riqueza cultural e histórica, artistas famosos e populares de nosso país já passaram pelo Minerva, que brilharam em seu palco no período de seu apogeu.

Atualmente o Minerva é visitado sazonalmente, e/ou ocasionalmente por turistas que chegam a cidade de Areia para conhecer sua História, ou mesmo passam acidentalmente por suas ruas e se apaixonam por suas paisagens, seu casário decidindo

assim visitar seus pontos turísticos que são verdadeiros encantos, não apenas para os olhos, mas para o espírito, a exemplo destes encantos o Teatro Minerva.

Foto 15 - Teatro Minerva (externo)



Fonte: Acervo pessoal. Betânia, Maria, Silva Dias 2014.

O Teatro Minerva não tem suas portas abertas apenas para peças teatrais, já serviu como cinema e como apoio para grupos regionais sendo centro de apoio para ensaios e posteriores apresentações destes grupos. Nos dias atuais a arquitetura original ainda é preservada mesmo tendo passado por várias reformas, no entanto o que nos passa é uma impressão de abandonado sendo realmente uma pena que tal riqueza cultural seja tão pouco explorada e valorizada.

Com tudo percebe-se que o Teatro Minerva atravessou seus dias gloriosos, porém passando infelizmente ao esquecimento e anonimato, até tomar ao longo do tempo apenas o aspecto de um elemento ilustrativo, paisagístico, algo como apenas uma obra de arte, um quadro pintado em tempos de grande glória da cidade e de seus habitantes, e que vem sendo abandonado diante dos olhos de todos, sendo aos poucos transformado em algo sem funcionalidade, é hoje apenas uma página da representação cultural e artística da cidade de Areia.

Fazer uma visita ao município de Areia é uma verdadeira aula de História; a cidade, respira arte, suas ruas, suas edificações centenárias que tem camadas de História acumulada, o mundo encantado de seus engenhos com todo o seu imaginário e sua

grande riqueza cultural do fazer e do saber com seus espaços perfumados pelo aroma adocicado do cozimento do caldo da cana-de-açúcar, os canaviais, as fachadas do seu casario com suas linhas coloniais, a vegetação abundante dos seus vales e encostas que circundam seu perímetro urbano, e que marcam suas paisagens dialogando e interagindo com sua arquitetura histórica, definindo assim conjunto de extrema riqueza na percepção visual.

O diferencial do município de Areia e em particular da cidade de Areia, além de estar demonstrado no seu casario, em cada rua, beco ou quintal, que se estende permitindo a visão do verde intenso das serras e vales, um dos símbolos de grande beleza da cidade, encontra-se sobretudo na aura que se impõe possivelmente pelo ar poético e envolvente da cidade, que se inspira na cultura e na arte, e com o título de Patrimônio Histórico Nacional passou a ser uma cidade não apenas dos areienses, mas uma cidade de todos os brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Areia, outrora o "berço da cultura", enfrenta hoje uma crise em suas expressões culturais, essas quando não foram praticamente eliminadas, estão sendo substituídas paulatinamente por outras formas de pensar e fazer a arte, que nem sempre preservam o patrimônio, a tradição local e regional.

Essa nova era na cultura areiense representa também um novo momento socioeconômico, em que o município vem enfrentando desde a crise que atingiu a economia canavieira, e aos poucos os areienses tiveram que se adaptar a novos meandros econômicos.

Isto repercute também nas alternativas culturais e sociais. Além do mais, há que enfrentar também um momento da indústria cultural que invade todos os espaços sociais, através da televisão, da música, internet, etc, interferindo violentamente na cultura local.

Como prova concreta temos o maior São João do Mundo em Campina Grande-PB, que monopoliza os festejos juninos da região; temos os carnavais fora de época com bandas e trios elétricos que substituíram as bandas e os clubes locais, temos os shoppings com seus cinemas que atraem muito mais pessoas que os teatros, e os festejos locais de uma maneira geral.

Estudar a cidade de Areia -PB e conhecer o Teatro Minerva(o primeiro teatro da Paraíba), sua história, seus engenhos, suas escolas, seus filhos ilustres, o conjunto arquitetônico de seu casario, é se deliciar com as belíssimas paisagens de seu entorno, é conhecer uma História que encanta e ao mesmo tempo causa preocupação a todos que a visitam.

Encanta porque essa cidade serrana parece querer voltar ao passado e volta com suas ruas e casarões centenários, cidade de cultura erudita, de mestres da música, da literatura e da pintura que fizeram nome na Paraíba, no Brasil e até no exterior.

Preocupamo-nos por causa do abandono e da falta de políticas públicas voltadas para a preservação patrimonial e para o incentivo a cultura local. A cidade agoniza para

não deixar suas tradições morrerem, nem alguns de seus casarões caírem, para não ver a memória de seus artistas se esvaírem com o tempo.

O Teatro Minerva, mesmo vazio, parece repleto de espectadores, no entanto não passa de uma figura ilustrativa que foi palco de grandes eventos em tempos de glória, e que hoje perde cada vez mais a sua funcionalidade, vive tempos de esquecimentos, é apenas um elemento paisagístico, tipo um quadro, uma pintura que recebe visitas turísticas sazonais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Américo. **Paraíba e seus problemas**. 3.ed. João Pessoa: A União, 2001.

ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia: memórias de um município**. 2. ed. João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 1994.

ALMEIDA Zélia. **Bem – estar e riqueza no Brejo de Areia**. Paraíba. Ideia . 2010

ANDRADE, Manuel Correia de. **O rio Mamanguape**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1997.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

CAJU, Náhya Maria Lyra, CAVALCANTI FILHO, Ivan. **O patrimônio arquitetônico de Areia: um inventário**. João Pessoa: Idéia, 2005.

CÂMARA, Epaminondas. **Municípios e freguesias da Paraíba: notas acerca da divisão administrativa, jurídica e eclesiástica**. Campina Grande: Núcleo Cultural Português/Caravela, 1997. pp.58-111

FIÚZA, Alexandre Felipe et al. **Uma história de Areia**. João Pessoa: Universitária/ UFPB/ PRAC/ NDIHR, 1998.

FREIRE, António. **O teatro grego**. Braga: Faculdade de Filosofia, 1985.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo de Tombamento Nº 1489-T- 02: Conjunto Histórico Urbanístico e Paisagístico da Cidade de Areia, Paraíba**. Vol. I e II. Rio de Janeiro: COPEDOC/Arquivo Central do IPHAN, 2004.

Jean-Marie Piemme. Rúbrica : **Teatro ... le prix "Nouveaux talents" de la SACD France ; en 1994**

MARIZ, Celso. **Apanhados históricos da Paraíba**. 2.ed. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1980.

MARIZ, Celso. **Cidades e homens**. João Pessoa: Governo da Paraíba, 1985.

MOURA FILHA, Maria Berthilde de Barros Lima e. **O Cenário da Vida Urbana: A concepção estética das cidades no Brasil na virada do século XIX/XX**. Campinas: V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 1998. (CD-ROM)

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

PEIXOTO, Fernando. **A tragédia grega e o humano**. In: NOVAES, Aduino (org). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Endereços eletrônicos:

Fonte: <http://www.paideuma.net/painel3.htm> Acesso em: 20 de janeiro de 2014.

Internet <http://acidadeeahistoria.blogspot.com.br/2012/11/o-museu-regional-de-areia.html> acessado: 08 de janeiro de 2014

Fonte: <http://villasdeareia.wordpress.com/2011/07/22/a-cidade-de-areia/> Acessado: 10 de junho de 2014

Fonte: <http://www.cidadedeareiaonline.com.br/site/45/pg21.asp> Acessado em: 10 de maio de 2014.